

Artistas pedem apoio para pôr fim à censura

BRASÍLIA — Mais de 20 artistas do Comando Nacional de Entidades Culturais Pró-Constituinte, divididos em duplas, correram por todas as lideranças mais expressivas do Congresso e, através de um grupo maior, levaram ao Ministro da Cultura, Celso Furtado, sua principal reivindicação: riscar a censura da nova Constituição.

Conseguiram apoio de todos, até mesmo do Relator da Comissão de Sistematização, Deputado Bernardo Cabral, cuja proposta sobre censura em seu anteprojeto desagradou a constituintes de todos os partidos. Cercado pelos artistas, Cabral admitiu que os trechos reservados à censura "estão muito ruins" e pediu aos artistas emendas supressivas que modifiquem o anteprojeto.

Foi prontamente atendido. Quando chegou ao gabinete do Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, um grupo maior já o esperava com 12 emendas supressivas. Garantem que "é assegurada a liberdade de expressão da atividade intelectual, artística e científica, sem censura ou licença".

— Vou lutar pela aprovação de suas propostas — garantiu Cabral, que pediu uma cópia de todas as emendas;

— Contem comigo — endossou o Deputado Ulysses Guimarães.

— O fim da censura será tomado pelo PMDB como uma bandeira — avisou o Deputado Artur da Távola (PMDB-RJ), quando saía de uma reunião com as lideranças do partido na Constituinte.

O Ministro Celso Furtado disse que assinaria embaixo das propostas do grupo.

Ulysses e Cabral tentaram escapar

BRASÍLIA — Os artistas que foram exigir o fim da censura deram um show de improviso. Despistados por autoridades com quem tinham audiência, não se abalaram. Ulysses Guimarães marcou o encontro para as 18h e, na última hora, alegou outro compromisso, mas foi abordado na saída do gabinete. Bernardo Cabral foi cercado no Salão Verde da Câmara, depois de deixar os artistas esperando mais de duas horas.

— Seu Cabral, policial só como espectador, pagando ingresso — cobrou Plínio Marcos, um dos autores teatrais mais censurados do País.

Cabral tentou responder, mas foi cortado pelo diretor Cacá Rosset:

— Por que vocês não decretam a maioria do povo brasileiro?

Foi o suficiente para o Relator perder a paciência:

— Ou vocês me deixam falar, ou não há diálogo — ameaçou.

Cercado por artistas e jornalistas, Cabral surpreendeu:

— Não gosto do tratamento dado à censura por este texto. A versão anterior, que previa censura apenas classificatória, era bem melhor.

E saiu aplaudido.